

O AMOR BATIZADO PELA LOUCURA NA ORDEM DE CAVALARIA QUIXOTESCA

JACKELLINE LEITE SILVEIRA¹; SEILA MARISA DA CUNHA ISLABÃO²
Prof.^a Dr.^a ALINE COELHO DA SILVA³

¹Universidade Federal de Pelotas– bradinelinesilveira@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas- seila.islabao@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas-silva.aline.coelho@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem a intenção de mostrar como é apresentado o amor na ordem de cavalaria quixotesca. A novela “Don Quijote de la Mancha” é uma paródia aos livros de cavalaria e apresenta a utopia do personagem Dom Quixote em mudar o mundo contra as injustiças, salvando a donzelas e pessoas indefesas. É uma novela de ruptura com os as histórias cavalheirescas lidas na época. O herói em questão é um fidalgo que sai em busca de aventuras em nome de sua amada Dulcineia de Toboso, idealizada por sua imaginação. A loucura batiza ao cavaleiro e a seu cavalo, trocando os seus nomes de Alonso e Rocim para Quixote e Rocinante e inaugura seu amor e uma donzela (antes Aldonza, agora Dulcineia).

Nesta história está presente o amor cortês, que é literário e Trovadoresco, o cortejo que os homens solteiros faziam as mulheres das cortes dos castelos, que geralmente eram casadas, em troca de favores que podiam ser abraços, beijos...

O amor é um sentimento de cuidar, estar enciumado, proteger, persuadir, sentir carinho pela pessoa a quem se ama. Já o amor cortês que é regado a regras, ainda que em Quixote seja totalmente idealizado conforme o amor platônico, devido a sua loucura, a partir da idealização de uma dama inexistente, cumpre com a norma de preservar a amada em questão e o cavaleiro que faz a dedicatória, comprovando que o amor cortês é totalmente literário e adequado a essa obra.

AUERBACH (1945) percebe que os discursos quixotescos são formulados com palavras bem escolhidas, perfeitas, que evocam e mostram devoção a sua amada, por isso, são de um cavaleiro cortês. O personagem queria viver plenamente a ficção, vivendo um amor pleno e vital, ainda que idealizado e construído intencionalmente, conforme menciona o capítulo XIII-I, quando o protagonista conversa com um caminhante.

O capítulo XXV-I, no qual Quixote leu para Sancho a carta que escreveu para Dulcineia, evidencia o amor cortês, pois assinou como cavaleiro da Triste Figura, não revelando sua verdadeira identidade, para não expor-se, nem à sua amada, que foi inspirada em uma aldeã conhecida como Aldonza Lorenzo, por quem o protagonista apaixonou-se e não foi correspondido, idealizando-a como uma dama e chamando-a Dulcineia de Toboso. Esse amor cumpre com uma das regras cortesãs de jamais revelar o verdadeiro nome da amada.

Na carta percebemos a idealização e ferocidade do amor sublime, protetor, complicado e não correspondido, sentido por Quixote. Dedicado a sua musa e capaz de tirar a sua própria vida, como ele mesmo pronunciou, esclarecendo necessitar não somente de saúde, mas também do amor de sua amada.

O amor apresentado na história é retórico e cortês, associado ao amor platônico que também é idealizado, sendo base de todas as virtudes e da verdade

conforme afirmou o filósofo inglês DAVENANT (1636), firmado no Simpósio de Platão.

Dulcineia foi idealizada pelo cavaleiro com perfeição, descrita com os adjetivos: alta, soberana, bonita, honesta, discreta, refinada, rica, perfumada, com cabelos que pareciam jubas de ouro da Arábia, brilhantes como o sol, com hálito aromático e suave, como se fosse uma princesa igual as que ele havia lido nos livros de cavalaria, conforme mostra o capítulo XVI-I, quando o personagem confunde a asturiana Maritornes com a sua amada musa inspiradora, mais uma vez, confirmando o amor cortês, através de suas palavras e ações.

2. METODOLOGIA

Pesquisa bibliográfica e elaboração de uma análise crítica do amor literário do Livro “Don Quijote de la Mancha”, de Miguel de Cervantes, a partir do cotejamento do texto ficcional com as fontes que o citam.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme afirma Mariátegui (1969) ocorre o amor cortês na novela quixotesca por consequência da loucura do protagonista, porque o cavaleiro se apaixona por estar louco, resultando em amor idealizado. É um amor motivador de suas façanhas, despertando nele seus sentimentos mais profundos, motivando-o, inspirando-o e encorajando-o, fazendo-o lutar com gosto e encantamento. E quem o inspirou foi o grande cavaleiro andante literário Amadis de Gaula que vivia intensamente seus amores.

Quixote era um cinquentão solteiro que resolveu inventar um amor inexistente e ideal com devoção e paixão, considerando-o necessário e vital, propulsor para suas aventuras.

Percebe-se que o herói sentia-se só, apesar de estar acompanhado por seu fiel escudeiro Sancho Pança e de nutrir um amor idealizado por sua musa inspiradora Dulcineia, que conforme menciona Auerbach (1945) estava encantada e este é o símbolo de sua loucura, enquanto seu discurso aponta riquezas de figuras, imagens e cláusulas rítmicas, expressando sentimentos sérios e trágicos.

Auerbach (1945) comenta que o choque com a realidade, opondo-se a ilusão do protagonista em crer que sua amada havia sido encantada, provocou sua tentativa de buscar a seu desencantamento e salvação e por presumir que jamais conseguiria, ao final da novela, tornou-se um homem triste, amargo e desenganado, voltando a ser Alonso Quijano. Devido a sua desilusão, adoeceu e faleceu, afinal a morte da ficção do amor é a morte da utopia.

4. CONCLUSÕES

Este amor idealizado, impulsionado pela loucura, serviu como remissão para a vida de Quixote, incentivando-o a lutar, conquistar e seguir em frente, vivendo como um jovem e explorador aventureiro. Foi uma ferramenta, algo necessário para um cavaleiro andante. Sua vontade de ser herói e alcançar coisas impossíveis, movido por paixão, coragem e bravura, em nome de sua Dulcineia de Toboso, formaram combinação perfeita entre o trágico e o cômico. O deslocamento espaço temporal colidiu com um mundo de valores e crenças incompatíveis com a razão.

A autoestima e coragem do bravo guerreiro andante eram fantásticas, tanto em relação a seguir seus ideais de aventuras como para engrandecer-se frente às mulheres, todavia em realidade era um cavaleiro solitário, mesmo que acompanhado por seu escudeiro, buscando salvar aos fracos e oprimidos em nome de um amor não carnal, divino, devocional, entregue à senhora de seus sonhos.

Nota-se que há erro trágico na novela quixotesca, porque o protagonista, movido por uma louca e idealizada paixão (o amor cortês), fez tudo com vontade e desejo, dedicando suas aventuras e seu amor à sua doce, amada e idealizada Dulcineia. Sua paixão pela vida e crença de que a liberdade e justiça andam juntas moviam suas fantasias e quando desistiu delas, por perceber a realidade, chegou ao final da sua vida, deixando seus sonhos e ideais, inclusive, deixando de ser Quixote e voltando a ser Alonso Quijano. Tentou mudar a tudo que fez, renegando a ordem de cavalaria, agindo de acordo com o estabelecido pela sociedade, cumprindo com seus deveres sociais, deixando herança para a sua sobrinha e seus criados, e sendo um cristão exemplar, recebendo extrema unção para ter a alma liberta, para sentir-se realizado e morrer em paz; tudo por consequência do amor idealizado, sofrido e não cumprido.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Anabele Nogueira. El amor devotado a Dulcinea por Don Quijote de la Mancha: un breve comentario. **Revista Graduando** entre o ser e o saber. Nº 2. Universidade Estadual de Feira de Santana. Jan/Jun/2011.

AUERBACH, Erich «La Dulcinea encantada», en *Mímesis. La representación de la realidad en la literatura occidental*, México: Fondo de Cultura Económica, 1945, pp. 314-339.

CABRAL, João Francisco P. Disponível em:
<http://www.brasilecola.com/filosofia/amor-platonico.htm>

CALLEJA , Andrés V . El tema del amor en Don Quijote de la Mancha. 2005 . Disponível em : <http://iescardenalsandoval.centros.educa.jcyl.es/aula/archivos/repositorio//0/144/html/quijotecentenario/quijote/Quijote.pdf>. Acesso em 27/07/14

CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo D. Quixote da Mancha*. Volumes 1 e 2. Editora Abril Coleções. São Paulo, 2010.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha II*. Edimat Libros S.A. Madrid. España, 1998.

MARIÁTEGUI, José Carlos. El amor y la tragedia personal. Publicado em **El Tiempo de Lima**. Perú em Cartas de Italia, vol 15 de sus Obras Completas. P. 207-210. Empresa Editora Amauta, 1969.